

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
 Anuncios e comunicados a 50 rs. a linha.
 Repetições..... 20 rs. a linha
 Anuncios permanentes 5.....
 Folha avulsa..... 40 rs.

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
 Com estampilha..... 600
 Fóra do reino accresce o porte do correio.
 Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
 rua d'Arruella n.º 119

A Carta

Na luta entre a democracia e a realza absoluta, entre a revolução e a reacção abriu-se tregoa, creou-se um novo systema — o constitucional, tendo por base as cartas. Fizeram-se em toda a parte, refundiram-se, não, quando as conveniencias publicas o exigiram, mas quando era preciso abafar algum movimento politico que ameaçava avolumar-se. A estes actos chamaram-lhe *reformas*.

Nós, assim como quasi todas as nações, tivemos a nossa Carta — uma dadiwa real; e as reformas correspondentes — dadivas dos governos.

No momento da elaboração das cartas a crise era grave e tão grave que ameaçava abalar os fundamentos da sociedade, que desse o salto enorme, giganteo que vae da mais apertada centralisação á mais arrojada descentralisação.

Por isso se creou, com caracter provisorio, o systema constitucional, producto hybrido de principios diversos: amalgama de liberdades e repressões: de centralisação e descentralisação; de principios revolucionarios apertados dentro de velhas formulas absolutistas, illudidos sempre que as conveniencias o exigiam.

Liberdade de cultos e uma só religião garantida e obrigatoria para todos os subditos que exercam funcções publicas: rei funcionario e irresponsavel; ministros responsaveis sem se lhes poder exigir responsabilidades: governo fazendo só o que as camaras o auctorisem, mas arrogando-se legalmente a dictadura, para fugir a prestar contas dos seus actos: enfim milhares de ideas, contradictorias, milhares de ficções detestaveis.

O modo como aparentemente se harmonisaram as ideas mais antagonicas, mais refractarias á conciliação provam bem, claramente a inestabilidade do regimen *felizmente nos rege*.

Abriu-se um periodo de paz, d'ordem á custa da coherencia da lei fundamental, que mesmo as chamadas *reformas* posteriores não procuraram emendar.

Alli mesmo se vê a inefficacia d'ellas.

Ninguem as pediu no momento em que se fizeram. Nada ligaram e nenhuns principios novos estabeleceram.

O paiz ficou indifferente perante a *revolução* que se ia fazer nos seus direitos politicos; encheu-se de tedio emquanto as camaras constituintes ouviram largos discursos fastiosos, onde a rethorica se expandia a jorros e onde faltavam ideas.

Os reformadores constituintes esfarraparam mais o que já de si eram farrapo sem prestigio — a *carta*: abriram mais contradicções,

e nem por um momento tocaram nas attribuições vaitissimas do funcionario *que reina e não governa*, fazendo-o responsavel pelos seus actos.

E contudo é manifesta a conivencia d'elle em todos os actos politicos dos governos; é elle quem apesar da irresponsabilidade *governa e reina*, porque da sua confiança, que se não mede por mais do que pelo capricho, vivem os governos.

Por isso vemos todos os governos, ainda os que, em opposição, mais se dizem avançados, curvarem-se, ao subir os degraus do ministerio, n'uma bajulação indigna perante o funcionario que reina e não governa: por isso vimos ainda ha pouco a nação, exhausta e cansada gastar loucamente em sumptuosos festejos, em honra d'um principe, centenaes de contos que eram necesarios para prover ás finanças: por isso vimos ainda hontem que as folhas ministeriaes diziam que não houvera festejos em honra do anniverario da subida ao throno do snr. D. Luiz, porque elle não quiz. E' que apesar de todas as irresponsabilidades e ficções constitucionaes, é o snr. D. Luiz quem *governa e reina* por si só.

Estamos no puro regimen absoluto, onde o rei, *por graça de Deus*, governa e reina á sombra d'um farrapo — a *carta*, dadiwa d'um grande rei a um punhado de subditos que expulsos da sua patria aguentaram a fome e soffreram todas as consequencias d'uma guerra fratricida, para verem, implantada no seu paiz a Liberdade.

POLITICA CONCELHIA

OS SELVAGENS

Vê-se bem a derrocada de tudo quanto é bom e digno: presente-se o abysmo de desmoralisação e criminalidade a que nos hão-de conduzir essas arruaças, esses ataques contra a vida e propriedade dos cidadãos, que nos ultimos tempos o grupo *limonada*, secundado pelos administradores do concelho, tem posto em pratica, para afugentar o povo de ir á eleição camarária.

Mais dous mezes e em Ovar formar-se-ha uma quadrilha de ladroes, assosinos, que viverão á vontade, sob o patrono das auctoridades administrativas. E' uma prophacia que fazemos e que fatal e infelizmente se hade realisar. Damos pouco tempo para ella se cumprir.

Pois, que ha a esperar d'uma porção de vadios sem profissão, sem meios, que vivem apenas do dinheiro que *um* vae fornecendo? nada certamente.

Terminadas as eleições esses vadios deixarão de exercer as suas funcções proprias e caracteristicas — as arruaças, os crimes; e portanto como não querem trabalhar, como não podem ser empregados em qualquer cousa util, como a bolsa fatalmente se ha de fechar, porque os não pode manter indefinidamente, segne-se a necessaria conclusão — o roubo, o assassinato.

E como as auctoridades administrativas foram a origem d'esses vadios abandonarem o trabalho: como tem sido ellas que os tem mandado commetter os crimes, consentindo que andem armados, mandando-os deitar bombas a individuos que representavam então a auctoridade, mandando-os espancar cidadãos inermes e socegados, mandando-os promover arruaças e assuadas, offendendo assim a boa ordem — segue-se que essas auctoridades administrativas não poderão mandar capturar os seus vadios predilectos, quando elles commettam os crimes de roubo e assassinato, porque seria reprovar a sua propria obra, castigar os crimes á que deram origem.

Portanto se hoje nos temos de precaver contra esses que nos acommetterem tendo como fim a *politica* — amanhã teremos de nos precaver contra elles que terão por fim os nossos haveres.

Se hoje não lhes resistimos salvaguardando os nossos direitos, amanhã não lhes resistiremos, salvaguardando a nossa propriedade.

Domingo passado juntou-se o mesmo grupo de arruaçeiros e vadios. Lá estavam as auctoridades a commandar a gentalha. Os *cabeças* mandaram vir das freguezias todos os caceteiros disponiveis para desordem. Dizia-se que na casa de Antonio Manoel da Costa e Pinho foram postos dous carros de calhau para occasião da desordem. Pipas de vinho e barris d'aguardente foram tambem lá postos para embriagar os pescadores, que viessem.

Infelizmente, para elles, o mar foi bom e os pescadores deixaram-se de arruaças para irem ao trabalho. Portanto a *troupe* ficou desanimada, e os caceteiros da villa juntos aos das freguezias não se julgaram com força bastante para principiarem as arruaças.

Como nos dous domingos antecedentes, não houve mercado, porque o povo que commercia não se quiz expor a ser maltratado por esses bandoleiros e vadios que nada tem a perder. Representa isto um enorme desfalca nos interesses de todos, e principalmente dos negociantes d'esta Villa.

O povo das freguezias de Vallega e S. Vicente preferem ir fazer as suas compras a Oliveira d'Azemeias, villa lemitrophe ao nosso concelho, a vir a Ovar com receio das arruaças.

Domingo, repetimos, não as

houve porque elles se julgaram com forças pequenas para o ataque, pingem do lado adverso não estar ninguem prevenido. São selvagens e covardes, porque ferem gentes inoffensivas, a attacam só quando estão juntos.

Seriam pouco mais ou menos 11-12 horas da manhã quando a *troupe* estava toda reunida na Praça. Por essa occasião appareceram quatro ou cinco individuos, conhecidos como partidarios do grupo adverso ás auctoridades. Dois d'elles foram á uma loja fazer as suas compras, mas como o grupo os visse dirigiu-se a elles e ameaçou-os: foram cercados pelos caceteiros, e se não se retirassem tão depressa seriam espancados, como tinha succedido nos dominios anteriores a outros.

E' necessario dizer-se que as auctoridades presenciaram estes factos. Não os reprimiram porque lhes convinha o espancamento para pôrem em sobresalto os eleitores.

A tarde houve as arruaças do costume porque já tinha sido distribuido bastante vinho; e á noite a gentalha chegou ao ultimo extremo.

Continuaram as esperas feitas a cidadãos pacificos, e os tiros de revolver. Escusado será dizermos, que, acostumados a este estado de desordem indisciplinavel, já ninguém faz caso.

Sabbado seriam 8 horas, quando sahia de casa o nosso amigo Gonçalo Maria de Resende, foi apedrejado por um bando de individuos da *troupe*, que tambem dispararam contra elles um tiro de revolver. Felizmente nem as pedras, nem o tiro lhe tocaram.

As assuadas continuam todos os dias.

Sabbado a noite chegou uma força de cavallaria do regimento n.º 10 d'Aveiro, mas retirou-se na segunda-feira. A *troupe* não gostou da vinda d'este pequeno destacamento, porque, diziam os *cabeças*, não poderiam tão á vontade praticar as suas proezas.

Nós sempre dentro dos limites da legalidade, não tememos a tropa, queremos-a como garantia dos nossos direitos, mas ao mesmo tempo queremos officiaes dignos e briosos que saibam cumprir com os seus deveres e não sejam manequins facéis de mover á vontade d'uns administradores do concelho que sem sciencia nem consciencia dos seus actos e da sua dignidade pessoal, protestaram vencer as eleições á *força*.

Felizmente até ha bem pouco tempo, os commandantes das forças aqui estacionadas souberam cumprir, em epochas talvez mais difficeis, o seu dever. O tenente Pessoa já fallecido, deu uma prova bem clara e bastante honrosa do que é o pundonor militar, por occasião das eleições do anno passado; outros lhes succederam trihando todos o caminho da digni-

dade que deviam a si e á sua classe. Rocha Dantas, um brioso official, portou-se pela sua cordura e sabedoria como um verdadeiro militar, na transição da queda do ministerio regenerador á subida do partido progressista, que se operou durante a sua estada na nossa villa.

Porém nem todos assim procederam, é força dizelo. O ultimo commandante do destacamento que foi rendido prestou-se, durante o periodo das arruaças, a praticar actos que não só levantaram contra si o espirito d'esta povoação ordeira, mas ainda serão uma mancha em toda a sua vida. Pode-se dizer afrontadamente que foi elle um dos maiores elementos d'attaque de que se serviram os administradores para atterorisarem o povo. Foi elle que se prestou a secundar os arruaçeiros, prendendo e soltando quem os administradores queriam — foi elle quem, em apparato comico, andou fazendo palhaçadas pelas ruas com a força que estava debaixo do seu commando — foi elle quem junto ao administrador substituto, trazendo ao lado o corneta, pretendeu apalpar cidadãos pacificos que ordeiramente tinham tido o arrojo de ir á Praça ver as scenas desmoralisadoras a que se prestava um militar que não sabia respeitar a farda que envergava.

Francamente, não esperavamos ver um official novo, um rapaz, naturalmente cheio de nobres aspirações, descer tanto — não esperavamos e contudo a realidade trouxe-nos mais esta desillusão.

Com a chegada d'um novo official e novo destacamento, melhorariam as condições? é possivel, é mesmo provavel. Se classe militar só por excepção se encontrará um official tão *infeliz* como foi o commandante do destacamento que ultimamente se retirou.

Snr. Ministro do Reino, nós continuamos a pedir providencias, contra os selvagens que encobriro-se com o nome do mano de V. Ex.ª o snr. dr. Francisco de Castro Mattoso Corté Real, commetterem toda a casta de crimes, dizendo que é elle quem os manda praticar.

Estes selvagens, snr. Ministro, não tem a consciencia do seu dever; acobertam-se com o nome do partido de que V. Ex.ª é chefe para á vontade praticarem os actos mais indecorosos, os maiores crimes, julgando escapar ao rigor da lei por meio d'uma amnistia que, dizem, V. Ex.ª lhes concederá.

Fiam-se na impunidade e contam com a cumplicidade d'uns administradores que o governo para aqui infelizmente mandou.

Esses administradores indignos representantes da auctoridade, como não tem intelligencia e o povo não lhes dedica sympathia pretendem vencer as eleições á *força*, e para isso embriagam

alguns pescadores e compram a consciencia aos vadios.

Elles são ineptos, sr. Ministro. Elles sabem perfeitamente que não podem, ainda que empreguem todos os meios, vencer as eleições, porque o concelho os condemnou já de ha muito. Elles querem empregar a força, fazer coacção com a auctoridade mas enganam-se. A força, sr. Ministro, ha-de oppor-se muito maior força, força triplicada, e elles hão-de ser corridos vergonhosamente se provocarem a desordem.

O povo d'este concelho aborrece-os e odeia-os, porque querem, por meio d'arruaças onde apenas figuram ebrios e vadios, roubar o direito que os cidadãos teem a escolher livremente os seus administradores.

Continuamos a pedir providencias para evitar graves conflitos, para evitar as desordens vergonhosas que lançarão mais uma nota sobre esta terra sempre tão ordeira, sempre respeitadora de tudo quanto é legal.

Povo d'Ovar, é necessario reprimir essas arruaças: é necessario que com um procedimento legal e digno mostremos a esses desordeiros vendidos e embriagados que não tememos as suas ameaças.

Ninguém receie. Elles apregoam força porque a não teem e querem vêr se afastam os eleitores de ir à urna.

Vamos todos à luta, expulsemos esses vendilhões que querem entrar na administração do municipio para dividirem entre si a presa.

A urna, pois, a urna pela victoria incontestada!

LETRAS E LERIAS

RISCOS

O presidente do cenaculo não vale mais do que o Manguieira — D. Magnifico o heroe e D. Magnifico o poltrão. — Onde se prova que D. Magnifico dá o coice e retira a pata.

Cidadão Manguieira com o seu cão, o tal limonada de chapa, enchê-se do mais fundo rancor, deixou que as Furias se apossassem d'elle e instigados pelos augustos de todas as especies e quilates, veio pedir, em altos brados, vingança. Gestos largos e espaçados cahota no ar parecendo querer vibrar raios da mais desconforme vingança, olhar desviado chispando faiscas d'alcool, casaco novo agosto, elle todo era um terrível dragão. A baba gorgulhava tremolusindo aos cantos da boca, as calsas borradas pelas lamas das ruas, berreiros descompostos, pareciam ser o preludio de grandes morticínios feitos a navilhas de barba.

O sermão ia já em meio quando repentinamente apparece o presidente do cenaculo. Os olhos movendo-se-lhe reluziam, abriam-se n'um vago contentamento. Era indício de que a comedia ia sendo representada bem.

Entretanto Manguieira, o terrível Manguieira, berrava mais des-

propositadamente, e as guellas iam-se-lhe pouco e pouco secando. No ringido aspero pareciam pedir vinho, muito vinho.

O presidente amimou-o sorriu-se como que a espicaçal-o mais.

Mas o discurso estava no fim e o presidente ia se retirando. Manguieira, o terrível Manguieira soltou um berro valoroso, gritou fortemente—vinho! venha vinho!

E d'ahi por deante, como o piar uniforme da coruja bebendo azeite, só se ouvia lá ao largo, —vinho! vinho! quero meia pipa de vinho!.....

O presidente já envolto nas sombras da noite, dizia desconsoladoramente — não vales mais do que eu, desgraçado: tu queres beber e eu quero comer, comer, comer.

E o ecoho gargalhando respondia: elles só querem comer, desgraçados!.....

Cercado de turba ebria, ajudado pelo enorme exercito conquistado á custa d'um só magnifico sentia-se orgulhoso, a sua alma rompia em fremitos de vingança contra os que lhe queriam embargar o passo no caminho da gloria.

Com o pescoço fortemente apertado entre os hombros, D. Magnifico sentia-se vaidoso, inchava cada vez mais. Levantava a bengala em ar ameaçador e dizia que nem um só devia escapar da refrega. Só elle seria capaz de decepar a cabeça a meia duzia.

E quem o duvidava? ninguém. Todos admiravam a coragem inexcelsível d'aquelle gigante audacioso, d'aquelle heroe Manguieira. D. Magnifico tocava as raia da divindade e os eunuchos fieis cahiriam ao chão se não tivessem medo de sujar as calças de «ver a Deus.»

Avante! avante! era a sua voz de combate e elle caminhava tambem atraz do troço escudado pela tropa. Tenha juizo e prudencia para não comprometter as costas. Sorria-se vagamente da turba que o não conhecia e arriscava a vida para completar a sua vingança.

Os tempos mudaram: Os dias santos e feriados passaram, e parte do exercito aguerrido desfez-se: D. Magnifico encontra-se quasi só, apenas servido pelo seu fiel. Triste condicção!

Encolheu-se, já não sentia ardor pela batalha. Alli só, com o creado de espingarda ao hombro, tinha medo, tremelicava e receava-se de lhe virem puchar as orelhas.

Quando passava qualquer dos seus amigos, D. Magnifico deixava o olhar de soslaio, encostava-se à parede para o deixar passar à vontade.

Era então o typo da covardia —era o verdadeiro poltrão.

Havia outr'ora um pamphelito querido, onde D. Magnifico fazia expôr ás gentes boquiabertas, a vida intima de cada um. Fazendo dançar vez à vez as reputações honestas, lubrindo tudo, escarnecendo de tudo, desacreditando tudo, elle sorria-se alvarmente por detraz do alourado buço, esfregava as mãos como Pilatos, e todos á uma julgando demasiado bruto louvavam-lhe a indifferença, acreditavam na sua innocencia.

E contudo elle lá ao fundo da caverna, só em presença da consciencia, remordia-se de odio, zurrava fortemente pretendendo abo-

canhar as reputações honestas. Alli, despido de todo o apparato, largando a mascara da hypocrisia. D. Magnifico era horrível.

Ruminava planos selvagens, onde a intriga florescia, reinando, dominando.

Depois, como não queria expôr-se a ser descoberto chamava para o seu lado um pobre doido, um rapazola a quem chamava seu secretario e obrigava a pôr em execução os planos traiçoeiros que a sua bestunta imaginação architectara.

Finda a manobra, escripta a verrina, borrada mais um pouco a vida d'uma familia, D. Magnifico sentia-se altivo e dava ao secretario, ao rabiscador arrojado «um tostão para charutos».

E assim ao mesmo tempo que enterrava a lamina traiçoeira da infamia escondia os rastros, apresentava um irresponsavel para gemer com as culpas.

Por isso elle se salvou sempre, por detraz da sua estupidez, do ajuste de contas, que muitos lhe pediriam.

E contudo D. Magnifico de cara alvar e intelligencia branca foi sempre assim—deu o coice e retirou a pata.

O imposto do pescado

Para que todos vejam bem claramente quaes as providencias que o governo dá ás nossas justas reclamações, transcrevemos do «Diario do Governo» a seguinte portaria que tem a data de 1 de Novembro d'este anno:

«Tendo a pratica demonstrado a inconveniencia de não serem entregues em curto prazo, nos cofres legalmente habilitados para guardar os rendimentos do thesouro, as receitas produzidas pelo imposto do pescado, arrecadadas no posto a que está incumbida a respectiva cobrança; e havendo chegado ao meu conhecimento que em diferentes alfandegas se encontram por satisfazer dividas importantes provenientes do mesmo imposto, cujo pagamento immediato representaria um sacrificio superior aos recursos dos devedores; hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º Todas as receitas arrecadadas nos postos incumbidos da cobrança do imposto do pescado serão entregues diariamente nos cofres habilitados para a guarda dos rendimentos do thesouro; devendo fazer-se tambem diariamente o encarremento da escripturação respectiva, afim de se poder verificar a regularidade das contas prestadas pelos encarregados dos mesmos postos.

§ unico. Quando as circumstancias especiaes do serviço ou da localidade, reconhecidas pela administração geral das alfandegas, não permittirem o cumprimento do disposto n'este artigo, far-se-ha a entrega semanalmente.

Artigo 2.º As dividas por imposto do pescado, contrahidas com a fazenda nacional até á data do presente decreto, poderão ser pagas no prazo de tres annos, em prestações trimestraes, devendo contar-se-lhes o juro de móra desde a data em que hajam sido contrahidas.

Artigo 3.º Os devedores que

desejarem aproveitar-se do beneficio concedido pelo artigo antecedente assim o deverão declarar perante os directores das respectivas alfandegas, no prazo de um mez, a contar da publicação d'este decreto na folha official; prestando, com a declaração, fiança idonea pelo pagamento integral das suas dividas.

§ unico. Aos devedores que não regularisarem os seus debitos, nos termos d'este artigo, ou áquelles que deixarem de satisfazer, no prazo fixado, alguma das prestações convencionadas, será exigida por execução immediata a importancia total por que lhes for credora a fazenda nacional.»

Novidades

Rectificação—Mal informados dissemos por varias vezes que o digno juiz d'esta comarca se negava a julgar as policias correctionaes que lhe tinham sido preparadas. Dissemos que o procedimento de s. ex.ª concorria assim para os arruaçeiros d'este concelho se fiarem na impunidade e continuarem a praticar os actos selvagens de que esta Villa tem sido theatro nos ultimos tempos.

Sabemos hoje que não havia, nem ha razão, para fazermos semelhantes arguições ao ex.º sr. dr. Brochado. E' verdade existirem mais de 80 policias correctionaes para serem julgadas, mas apenas 48 estão em andamento e para ellas já foi marcado dia antes das eleições e duas já foram terminadas por accordo das partes na terça-feira passada.

Em todas as restantes policias falta a competente promoção do sr. delegado da comarca e é pois este o unico culpado na demora do julgamento.

O sr. dr. Christovam Coelho, que está fazendo as vezes de **Espera**—Decedidamente estão em moda as esperas. Agora é o administrador substituto quem se queixa.

Diz elle que indo para casa, um individuo estava occulto junto a um muro e que se não fosse avisado por gente de sua familia teria sido vitima n'essa noute—que fôra obrigado a disparar um tiro de revolver.

Naturalmente, sr. substituto, foi algum dos da *troupe* quem se enganou e se foi esconder proximo á sua porta em vez de ir postar-se á porta d'um adversario.

Isso foi com certeza erro na ordem ou má comprehensão d'ella.

Empregados á altura—Ha dias dous guardas, empregados na fiscalisação do real d'agua, entrando n'uma taberna, na costa do Furadouro, insultaram a vendedora por lhe não poder apañhar generos furtados aos direitos. Já foi feita a competente participação para a guarda fiscal.

Ao sr. escriptão de Fazenda—Em Ovar e nas freguezias os regedores de parochia, ameaçam os eleitores de lhes fazer subir as contribuições se não lhes derem o voto. Avisamos d'isto o sr. escriptão de Fazenda para proceder como melhor julgar necessario.

Pesca—Nestes ultimos dias não tem havido trabalho de pesca na nossa costa. O mar tem-se conservado ruim.

Agricultura—Estão terminadas as colheitas do milho.

Este anno a produção foi muito menor do que a do anno passado.

Estada—Estiveram domingo passado, n'esta Villa os nossos distinctos amigos Domingos Liborio de Lima e Lemos d'Almeida Valente e José Maria d'Abreu Freire estudantes do terceiro anno juridico.

Demonstrações de regosijo—O povo de Braga, manifestou o seu contentamento pela elevação da cathogoria do lyceu, com as mais entusiasticas demonstrações.

Os estudantes percorreram as ruas, em marcha *aux flambeaux* e o commercio tambem tomou uma parte importante nas manifestações.

Ergueram-se vivos calorosos ao reitor do lyceu e ao goveao. legado, n'esta comarca, não quer acarretar sobre si o odioso das promoções nas policias correctionaes, espera que venha o delegado proprietario tomar conta da vara.

Fica assim restabelecida a verdade dos factos e nós pedimos desculpa ao digno juiz o ex.º sr. dr. Christovam Brochado d'accusação infundada que lhe fizemos.

Na difficil missão que nos impozemos de sermos justos não trepidamos um só momento em accusar o que nos parecer mau, mas tambem seremos os primeiros a retirar as nossas accusações quando os factos nos demonstrarem que ellas são menos verdadeiras.

Os politicos—Continuam na mesma senda os politicos. Da mesma gente não se pode esperar senão os mesmos actos. Maus por instincto só perante a força cedem. Para elles não ha lei, não ha direito de propriedade. Sob o nome da politica commettein os maiores e mais absurdos crimes sob a protecção das auctoridades. O castigo lhes virá depressa: entretanto continuemos na nossa difficil tarefa.

—Sabbado passado, quando o nosso amigo Gonçalo Maria de Resende sahia da nossa redacção, um grupo de politicos arremessou-lhe, deu-lhe um tiro de revolver.

—Ha dias um bando de pescadores pertencentes aos politicos pretendeu arrombar a porta d'um palheiro que o sr. Francisco Bonifacio possui na costa do Furadouro.

—Em Cortegaia foi espancado por um grupo identico o sr. Manoel Joaquim Ferreira Alves.

—Em Arada, na segunda-feira, scenas d'arruaças promovidas pelos politicos.

Fallecimento—Terça-feira falleceu a ex.ª sr.ª D. Maria Hedwiges, filha segunda do ex.º sr. dr. Domingos d'Oliveira Aralla e Costa.

Os nossos pesames.

Desastre—Quando um carreteiro de S. Martinho de Gandara estava carregando um pinheiro no seu carro, este cahiu tão desastradamente que lhe decepou um dedo do pé direito.

Chamado um medico d'esta villa a prestar-lhe os soccorros da sciencia negou-se a fazel-os, pretextando que o individuo incumbido de o chamar não votava com elle nas proximas eleições.

São assim os politicos!...

Nascimento—Segunda-feira deu á luz uma robusta menina a ex.ª sr.ª D. Maria Estephania Silveira, esposa do nosso bondoso amigo José da Silva Cancelhas, supposto secretario da administração d'este concelho.

Os nossos parabens.

Na esfolhada. — Ha dias realisou-se uma das muitas esfolhadas a que costumam concorrer a nossa rapaziada mais fina.

No meio da maior animação eis que apparece um serandeiro vestido de mulher.

Todos os do rancho a quizeram conhecer. Voltas para aqui, voltas para acolá, mas nada de novo. Alguns mais atrevidos agarraram-se ao serandeiro mas não tiraram fruto do seu arrojo.

Joaquim Marinhão, um patusco, lembrou-se de levar as suas brincadeiras mais adeante, mas eis que o sr. Sucena se lembra de o advertir em termos menos habeis. Aqui principia a balbardia e Joaquim Marinhão agarra no cacete e se lhe não acodem era d'uma vez um Sucena. O caso é que com muito custo o levaram d'alli para fóra.

Muitas pessoas vieram depois acompanhar a casa o sr. Sucena, porque emfim apesar da espada e do revolver...

O que admira é darem-se estas scenas entre os politicos...

No fim de contas nas esfolhadas nem tudo são rosas.

Correio d'Aveiro — Visito-nos este nosso distincto collega d'Aveiro.

D'uma redacção primorosa, este nosso collega propõe-se defender os interesses de todo o districto e principalmente do concelho d'Aveiro, que, na sua opinião, tem sido mal administrado.

Filia-se no partido progressistas, mas não se presta a submissamente defender todos os actos do governo. Um futuro prospero.

Maria Rita — Recebemos o n.º 67 d'este esplendido semanario portuense. As quatro paginas centraes occupam um esplendido desenho, representando a ponte de D. Luiz I aberta domingo passado ao transitio publico.

Assigna-se na rua das Oliveirinhas n.º 45 Porto.

O dia de finados. No cemiterio. — Terça feira o dia apresentou-se-nos despedido das nevoas impertinentes que velavam até altas horas o sol. A quietude da natureza convidava os vivos a irem visitar os seus mortos queridos que descansavam na quietude dos sepulchros.

De manhã principiou a concorrência a affluir os cemiterios e as campas tristes e sombrias, sobressahindo por entre a erva crescida viram-se engrinaldadas de rosas, adornadas de flores dispersas pelo chão. Tochas em castiças de prata reluzente assentavam em cumpridos panos pretos e davam luz baça que se ia perder na claridade immensa do sol.

Era a festa dos mortos: aquelle montão de gente chorosa parecia animar o recinto onde a morte assentou os seus arraiaes.

Modestas taboetas, umas com a tinta ainda vivida, outras já apagadas, comidas pelo caruncho, elevavam ao ceu as cruzitas como que dizendo aos que passavam — ora pelos mortos.

Um meunio feroz — Referem de Lisboa que o menino Victorino José Caldeira, que não conta doze annos de idade, tendo uma altercação com sua irmã Adelaide, pouco mais velha do que elle, armou-se com uma faca de cosinha e tentou assassinal-a. E realisaria o seu feroz intento se o pai, que estava n'uma sala proxima, não acudisse a tempo de o desarmar.

Grande dança de força armada — Quinta-feira no comboyo da noute chegou uma força de infantaria n.º 18, com-

mandada pelo sr. capitão Antas. Era destinada a vir render o destacamento do 23 que aqui se achava, estacionado ainda ha bem pouco tempo.

Tanto o sr. alferes do destacamento como as praças ficaram offendidas com a ordem de recolhimento ao corpo, porque essa ordem representava a desconfiança das auctoridades administrativas. Os administradores do concelho precisavam força para os auxiliar nas palhaçadas aos domingos; e como o sr. alferes não se prestava a isso, pediram ao alto triumpho que o mandasse recolher ao corpo.

A chegada do novo corpo, dizem-nos, que o sr. alferes do destacamento telegraphára ao sr. Ministro da guerra bem como ao quartel general, perguntando se devia entregar o quartel. Recebeu depois um telegramma do sr. Governador Civil d'Aveiro, dizendo-lhe que permanecia em Ovar até segunda ordem. O sr. alferes julgou que apenas devia obedecer ao seu superior militar, e em seguida mandou dar ordem de marcha e o destacamento chegou a ir à estação do caminho de ferro, comprou bilhetes, e despachou as begagens.

Abi então recebeu o sr. alferes ordem do quartel general para ficar, e o sr. capitão Antas ordem de marchar no sabbado pela manhã para Oliveira d'Azemeis.

Todo o destacamento ficou satisfeito com esta contra ordem e o povo d'Ovar não ficou menos, porque sabe que o sr. alferes é um militar brioso e se não prestará a praticar scenas menos dignas ás ordens d'uns imbecis quaesquer que em nome d'um partido que rem violentar o povo para vencer as eleições camararias.

Como se falta á verdade! — Os politicos d'esta vez deitaram papel a ver se pegam as bichas.

Dizem que foi o sr. dr. Aralla quem insultou um dos regedores de Vallega e depois pedem vingança!

Os arruaceiros, os vadios vem pedir justiça! Os homens que por ahí tem espalhado que hão-de vencer a eleição á força invertem os factos para ver se tornam menos odioso ao concelho a sua missão destruidora!

Eis a verdade. Segunda-feira foram d'Ovar á freguezia de Vallega o sr. dr. Aralla com alguns poucos dos seus amigos. Lá, esperavam-os 40 a 50 homens, todos lavradores importantes, para os acompanhar. Ao passar em frente da porta do sr. Valente, regedor effectivo, umas mulheres, linheiras que trabalhavam por conta d'aquelle regedor, deram vivas aos limonadas. O sr. Aralla então disse-lhes: agora venham os morras do costume! O sr. Valente que estava a uma janella, muito satisfeito com aquella comedia por elle praticada, ao ouvir o sr. dr. Aralla dizer aquillo, disse: não sabemos para quem; — sejam boas testemunhas em como o sr. dr. Aralla me vem provocar com mais de 40 caceteiros!

Ninguem a elle se tinha dirigido, nem tão pouco houvera provocação alguma, mas elle que queria alli fazer saber que era auctoridade foi dizendo aquillo. Um felizão este sr. Valente! Onviu como resposta uma sonora gargalhada e mais nada. E por isto deitou aos politico-papel! E por isto inverteu os actos para armar ao effecto. E' caso para dizer — ora bolas, amigos!

LISBOA

Os novelleiros de crises viram de todo em todo falhar os calculos com o restabelecimento do sr. José Luciano de Castro.

São muito sensiveis as melhoras de s. exc.ª e portanto é indubitavel hoje que se não retira do ministerio como a principio se dizia.

Se tal infelicidade succedesse não só perderia o partido que se honra em o ter por chefe, mas tambem o paiz que encontra no sr. José Luciano de Castro um zelador dos seus interesses, um defensor das suas liberdades.

O sr. visconde de Cacongo, importante negociante á proprietario d'Africa, officiou a sociedade de geographia, para que em nome dos europeus residentes em Africa e no seu nome representasse ao governo para que não fossem enviados degredados para o Novo districto do Congo.

O sr. visconde do Cacongo foi um dos nossos mais inclitos defensores na occasião em que se discutiram os nossos direitos ao norte de Zaire, a elle se deve em grande parte o resultado que obtivemos.

E' de toda a justiça que seja attendida esta pretensão que apenas visa aos interesses da colonia nascente.

Está hoje perfeitamente reconhecido quanto é inconveniente a remessa de criminosos pois que elles tendem naturalmente, por meio do exemplo a preverter o espirito da população. Alem d'isso nasce a natural repulsão para os emigrantes de irem, por vontade habitar um logar onde outros vivem em virtude de sentença condemnatoria.

No systema colonial que impugamos, não tendo a força precisa para dominar, imperar sobre o indigena, é nos necessario assimilar-os a nós, fazer-lhes nascer a confiança e o respeito pela intelligencia e pratica d'actos dignos. Estas condições são impossiveis de realizar desde o momento em que o criminoso desfaça pelos seus actos o respeito com que os indigenas acolhem o branco.

As estatisticas colonias demonstram sufficientemente que a remessa de criminosos para as colonias fazem com que a população não só de colonos como de indigenas tenda a diminuir.

Temos um exemplo bem frizante nas colonias de Cabo-Verde. Antes de ser concedido aos inglezes o privilegio de lá poderem ter os seus armazens de carvão, Cabo-Verde servia de degredo. Por isso definhava cada vez mais sem que novas remessas lhe viessem dar alento. Os infelizes pediram ao governo que mudasse para outras colonias os seus presidios e d'então até hoje Cabo-Verde tem prosperado.

A camara municipal de Lisboa felicitou S. S. Magestades pelos seus anniversarios. S. S. Magestades agradeceram.

Domingo dia do anniversario, houve recepção no paço d'Ajuda a que assistiu todo o ministerio, excepto o sr. José Luciano de Castro, corpo diplomatico, officiaes do exercito, deputados e pares etc.

El-rei agradeceu o sr. Barros

Gomes com a grã-cruz de Christo, offereendo-lhe juntamente as respectivas insignias, e o sr. D. Luiz de Mascarenhas com a grã-cruz da Torre e Espada.

Continua a subida dos nossos fundos na praça de Londres: as ultimas noticias dão-nos alli a 54 1/8.

Era de esperar a melhora dos nossos titulos n'aquelle mercado. As boas condições das nossas finanças, a grande porção de numerario que tem vindo do Brazil, as boas condições em que ultimamente se tem realisado os emprestimos, a concorrência dos banqueiros allemães e emfim o bom tino do que o governo tem dado prova, offerecem solidas garantias aos prestamistas londrinos.

A tendencia para a alta continua a accentuar-se e bom é.

Inaugurou-se no dia 31 a construcção do caminho de ferro de Ambaca. E' um melhoramento importante e o primeiro n'este genero de que vão gosar as nossas colonias africanas. Vastos territorios onde se pode exercer o commercio em larga escala achavam-se sem meios alguns de communicação. O accesso ao interior é ainda difficilimo e agora com certeza depois da abertura da via-ferrea essas communicações far-se-hão e o accesso será menos difficil.

Parece que a guerra africana teima em continuar. Teremos nós outras campanhas como as do celebre Bonga? Parece.

Partiu para Moçambique a corveta Affonso d'Albuquerque, levando 200 praças de guarnição. Em Moçambique estão já as canhoneiras Bengo e Vouga e proximamente o Douro. Parece uma expedição em regra! Vae tudo quanto temos excepto o grande o famoso Pimpão que se não pode mover, coitado!

Está justo o casamento do sr. Trigueiros Martel, redactor do «Seculo», como uma filha do sr. Gerod, official do exercito francez. O sr. Magalhães Lima irá a Paris assistir ao casamento.

C. B.

FLORENTINE

Foi distribuido o n.º 307 da Bandeira Portuguesa. Continua os escandalos da policia e entre outros artigos publica a noticia desenvolvida de uma opera nova O escravo do maestro Carlos Gomes, auctor do Guarany.

Na parte artistica, vemos um trecho para piano intitulado Florentine, transcripto da opera Bocaccio, pelo conhecido maestro Freitas Gazul.

Assignatura, trimestre 700 rs. Assina-se na rua dos Faqueiros, 207, 1.º — Lisboa.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Supplemento ao Codigo

COM O

Decreto complementar ao Codigo Administrativo, reorganizando o Supremo Tribunal Administrativo, e a Reforma de Instrucção Secundaria. — Decreto sobre a Organisação dos servicos de fazenda Publica nos districtos e concelhos do reino. — Decreto regulando o direito d'aposentação, e Rectificações ao Codigo e Relatorios do Governo. Tudo n'um volume, 200 reis, pelo correio, 250. E com a Reforma Judiciaria apenas 250 reis — pelo correio, 300 reis. em volume tambem.

Avenda em todas as livrarias do Porto.

A nova edição do Codigo 200 reis; pelo correio 210; pelo seguro 250 reis. A Nova Reforma Judicial e Reforma de instrucção 120 reis — pelo correio 150 reis em separado.

OBRAS ELEMENTARES

COORDENADAS POR

J. S. DE FIGUEIREDO E CASTRO

Elementos de grammatica portugueza, 3.ª edição. 200 rs. Noções elementares de arithmetica e systema metrico decimal, 5.ª edição, acrescentada com uma colleccão de perto de 200 problemas. . . . 60 rs.

Faz-se abatimento nos pedidos de mais de 5 exemplares, feitos ao editor

ANTONIO DE FREITAS SUGENY

AGUEDA

Os Dramas Modernos

INTERESSANTISSIMO ROMANCE

DE EMILE RICHEBOURG

Primeira parte — MIONNE. Segunda » — OS MILHÕES DE MR. ORAMIE.

Brinde á sorte de Inscriptões CASA EDITORA DAVID CORAZZI

Rua d'Alalaya

LISBOA

Recebem-se pedidos acompanhados da sua importancia na Adm. ministration do «Povo d'Ovar».

FABULAS DE LAFONTAINE

Illustradas por Gustavo Doré COM CERCA DE 600 GRAVURAS 84 composições de pagina inteira 247 gravuras grandes e 220 vinhetas)

VIAGENS MARAVILHOSAS

Mundos conhecidos e desconhecidos Grande edição popular de obras de

JULIO VERNE

Cada volume broxado. . . 200 rs. encadernado em percalina. 300 »

ARREMATACÃO

No dia 7 de Novembro proximo pelo meio dia á porta do Tribunal desta e marca, vão á praça para serem arrematadas a quem mais der, na execução hypothecaria que Maria Thereza da Silva Cascaes, solteira, da freguezia da Murtoza, comarca de Estarreja move contra Manoel da Costa e Silva e Mulher, do logar do Paço, freguezia de Macêda, as seguintes propriedades:

UMA TERRA LAVRADIA chamada o «Ante paço», sita no logar do Paço, avaliada em 200\$000 reis.

UMA TERRA LAVRADIA chamada a «Estrella Velha», sita no logar da Carvalheira, avaliada em 250\$000 reis.

UMA TERRA LAVRADIA com um bocado de matto na cabeça do nascente, chamada as «Prajes», sita no logar da Carvalheira, avaliada em 120\$000 reis.

UMA LEIRA DE MATTO Chamada a «Arêa», sita na carvalheira, avaliada em 15\$000 reis, todas sitas na freguezia de Macêda.

Por estes são sitados todos os credores incertos dos executados para uzarem, querendo, dos seus direitos.

Ovar, 18 d'outubro de 1886.

Verifiquei Boerhade

O Escrivão,

Antonia dos Santos Sobeira.

3 (24)

ANNUNCIOS**As pessoas quebradas**

Com o uso d'alguns dias do milagroso emplasto aniphelico se curam radicalmente as roturas ainda que sejam muito antigas. Este emplasto tem sido applicado em 35:540 pessoas e ainda não fallhou. — Preço do frasco 1\$500 reis.

Balsamo sedativo de Raspall

Remedio para a cura completa do reumatismo, nervoso, gástrico, articular, dores de cabeça, pontadas, contusões e amolecimento da espinha dorsal. Frouxidão de nervos, fraqueza de musculos, golpes e toda a qualidade de dor ou inflamação: usa-se externamente em fricções. — Preço do frasco 1\$200 reis.

Contra os Callos

Unico remedio que os faz cair em 12 horas. — Preço da caixa 400 reis.

Molestia de pelle

Pomada S. gracia, cura prompta e radical, de todas as molestias de pelle, as empigens, nodos, borbulhas, comichão, de tordo, herpese lepra, panço, sardas, etc., etc. — Preço da caixa 600 reis.

Injecção Gueinp

E' esta a unica injeccão, que, sem dano, cura em 3 dias as purgações ainda as mais rebeldes. — Preço do frasco 1\$000 reis.

Crema das damas

Torna rapidamente a pelle cara e macia, dissipa as sardas, tez crestada, nodos, borbulhas, rosto sarabulhento, rugas, encobre os signaes das bexigas. — Preço do frasco 1\$200 reis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importância em valle do correio a Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cego, 15, á Praça das Flores — Lisboa.

RODRIGO VALENTE DA SILVA com estabelecimento de mercearia, fazendas, vinhos, tabacos, ferragens, tintas, vidraça, molduras e miudezas em

S. JOÃO DE VALLEGA 2

LIVRO sacro ou curso de doutrina christã, approved, para uso das escholâs, pelo ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Cardeal Bispo do Porto, coordenado por Francisco d'Assis Pinheiro.

A' venda — Livraria editora — Cruz Moutinho, rua dos Caldeiros, 18 e 20 — Porto.

A VENDA

NOVO CODIGO ADMINISTRATIVO

Um vol. 200

Pelo correio. 220

LIVRARIA CHARDON

CLERIGOS, 96

Francisco Peixoto Pinto Ferreira com estabelecimento de ferragens, tintas, mercearia, tabacos, molduras e miudezas.

PONTES

Nossa Senhora de Paris por **VICTOR HUGO**

Romance historico illustado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAWEIS é o romance **NOSSA SENHORA DE PARIS** a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios sorprendentes, n'uma linguagem primorosa, a sua leitura eleva o nosso espirito ás regiões sublimes do bello e inunda de entusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o exc.^{mo} sr. Gualdino de Campos, e a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado expressamente fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volume ou 18 fasciculos em 4.º, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanaes de 32 paginas, ao preço de 400 reis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se accieitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a comissão de 20 por cento. Accieitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que deem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

LIVRARIA CIVILISACÃO

EDUARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR

4, Rua de Santo Ildefonso, 4

PORTO

PHARMACIA—SILVEIRA

Isaac Julio da Silveira, pharmaceutico approved pela escola medico-cirurgica do Porto.

PONTES**TYPOGRAPHIA**

DO

POVO DE OVAR

(OVAR)

Esta typographia completamente habilitada encarrega-se de todo o qualquer trabalho concernente á sua arte, a toda qualquer cor, tanto prateado como dourado, assim como: obras de livros, jornaes, facturas, bilhetes de visita, circulares, etiquetas para garrafas, diplomas etc., para o que acaba de receber das principaes casas de Paris, uma grande variedade de typos e vinhetas.

Preços o mais rasoaveis possiveis

LOJA DE CALÇADO

Todos conhecem o **Francisco Rodrigues de Pinho** com loja de calçado alli mesmo no Largo do Hospital.

Encarrega-se de fazer toda a obra da sua arte, como toda perfeição e por preços modicos, como é seu costume.

Desde a mais bem aperfeioada chinella para mulher até ao sapatinho de polimento para homens tudo faz ao gosto do freguez.

Portanto é experimentar e verão como ficam satisfeitos!